Cláudia Sofia

Edição D'autor

# *A lo mejor, te quiero!*

Título
A lo mejor, te quiero!

Edição d'autor
2022 Portugal

Autor
Cláudia Sofia

Copyright © 2022 by Cláudia Sofia

Todos os direitos reservados. Este livro ou parte dele só poderá ser reproduzido ou utilizado com permissão escrita do autor. A utilização de breves citações em artigos académicos ou outros meios estão desde já autorizadas, desde que devidamente identificadas.

*O dia acordou luminoso.*
*Quando saí de casa, senti dificuldade em manter os olhos abertos.*
*A Luz empurrava-os para baixo.*
*Desci a avenida a sentir o balancear das árvores.*
*Delas vinha a brisa maravilhosa das manhãs quentes de verão.*
*O aroma a algas aproximava-se a passos largos.*
*Assim que o avistei, acompanhei um voo picado de várias gaivotas.*
*Por entre aquela maravilha, ouço passos pausados atrás de mim.*
*Antes mesmo que consiga virar-me, sinto umas mãos salgadas a tocar-me a face.*
*Pouco depois, encontro um olhar alegre e um leve piscar de olho.*
*Aquele voo marítimo trouxe-o até mim.*

# Rico

Alerta! Alerta! Decote à vista! Nossa, são perfeitas!
«Ontem, as minhas bichinhas estavam impossíveis!»
Eu é que te apertava as "bichinhas"!
«Estavam loucas! O corredor parecia uma pista de corridas. O meu namorado passou-se; atirou-lhes um chinelo e acertou em cheio nas bichinhas!» - risadas.
«Ele é que precisa de levar com um chinelo em cheio na testa.»
«Oh, elas não podem fazer o que querem!»
(sorriso irónico) «Sabes, as crianças também correm! Vai atirar-lhes um chinelo, quando tiverem filhos?»
«Que comparação! Oh Elena, tu não bates bem!»
(encolheu os ombros) «O namorado é teu; tu é que sabes!»
Só posso concordar com a outra morena.
O decote não era tão pronunciado e ainda bem! Isso fez-me olhar para ela. Era bem mais gira do que a outra. Uma tinha um corpo poderoso; a outra tinha uma luz... era impossível não ficar agarrado a ela.

Saiu na estação anterior à minha.
Bem, quando percebi que vivia por perto, a minha cabeça começou logo a delinear uma estratégia para a abordar, assim que voltasse a cruzar-me com ela. Ainda não tinha subido as escadas rolantes e já tinha pensado em tudo.
Quando cheguei a casa, decidi correr no passeio marítimo. Vesti uns calções e calcei as sapatilhas, pronto para uma corrida desenfreada e sem destino.
Mal podia acreditar quando, já no passeio marítimo, vejo novamente aquela luz maravilhosa a caminhar na minha direcção. Congelei! E lembrar-me da estratégia magnífica que tinha delineado? Ya, pois! Lembraram-se vocês? Eu não! Enfim, passei por ela como uma flecha. E foi aí que o destino me pregou uma partida! Aquele passeio é em madeira, ripas de madeira para ser mais exacto, desniveladas – é isso mesmo que estão a pensar, tropecei numa dessas ripas e caí desamparado no chão, um metro – se tanto – atrás dela. Olhou e correu para me socorrer.
«Estás bem? Magoaste-te? Deixa-me ajudar-te.»
«Oh, obrigado!» – e esfreguei a testa.
«Sentes-te bem?» - sentamo-nos num banco de madeira, ali perto.
O que recordo mais daquele momento é o toque da sua pele, o aroma a cacau que exalava e o ambiente – o sol quase a recolher-se, o mar simplesmente delicioso a acariciar suavemente o horizonte, uma brisa subtil.
Destino, só pode ser o destino a fazer das suas!
Enfim, penso que já perceberam o que aconteceu.

Perdi-me de amores e felizmente fui correspondido.
No ano seguinte, fui convidado para jogar numa equipa da primeira divisão de voleibol. Fiquei sem saber o que fazer. Toda a minha vida esperei uma oportunidade destas. Como poderia recusá-la? E como poderia abandoná-la? Mudar de faculdade e de cidade era fácil. Agora, mudar de mulher? Adiei por dias a conversa com ela. Ela percebeu.
Convidou-me para jantar; preparou um jantar romântico, a dois, com tudo o que eu mais gosto. Pôs-se toda bonita! Quando a vi pensei: que mais posso eu querer? Senti-me incomodado,
«Elena…»
«Sim.» – como lhe digo isto? – «Rico? Ricardo! Estás bem? ¿Qué pasa cariño?»
«Tenho uma péssima notícia para te dar.»
«És tão drama queen!» - sorri - «Diz-me lá o que se passa.»
«Fui convidado para jogar numa equipa da primeira divisão.»
«Tonto! E isso é péssimo? Parabéns!» – abraçou-me e beijou-me.
(afastei-a) «É noutra cidade; centenas de quilómetros entre nós… não posso aceitar!»
«Não podes o quê? Estás doido? É claro que vais aceitar!»
«E tu? E nós? Como posso deixar-te aqui?»
«Confia! O que tiver de acontecer, acontecerá.»
Ela tem outro! Só pode! Quer ver-se livre de mim! Senti o toque dela…

«Te quiero Rico.» – aproximou os lábios do meu ouvido – «¡Eres mi vida! Quiero que seas feliz. ¡Esto es muy importante!.»
Adoro quando me fala assim. Sinto-me mais forte e confiante.
«Te quiero preciosa.» – calei-me, falava mais portunhol que outra coisa; sorri – «Como sabes, falo muito bem esta língua.»
«Muito bem, mesmo!» – sorriu – «Amo-te, por isso quero que cumpras os teus sonhos. Só assim conseguirás ser feliz. Quero ao meu lado um homem que luta pelos próprios sonhos. Depois logo se vê.»
«Logo se vê o quê?!»
(sorri) «A distância tonto!»
«Ah ya! Não me parece.»
«A distância não é assim tão grande e não será para sempre. Muita coisa pode mudar em dois ou três meses. Acredita em nós!»
Abracei-a e, com um beijo apaixonado, entramos numa noite inesquecível.
Num ápice, chegou a hora de nos separarmos. Sempre que podia, voltava para a ver. O mesmo acontecia com ela. Sempre que podia, juntava-se a mim.
Com o passar dos meses, essas visitas foram diminuindo – não sei porquê; surgiam sempre entraves para um novo encontro.
Enfim, a minha vida não é fácil e, mesmo assim, ela conseguia sempre dar a volta aos obstáculos que surgiam.

A verdade é que, nos últimos tempos, também ela colocava problemas para me visitar ou para eu a visitar. Houve semanas em que não nos vimos; a relação arrefeceu.
A certa altura, convidei-a para passar o fim-de-semana comigo, longe de todos. Um amigo sugeriu-me uma breve viagem pelas praias. Queria namorar um bocadinho. Ela disse que não podia. Estava com muito trabalho e não podia ausentar-se.
Perdi a cabeça. Fiquei furioso por me estragar a surpresa. Senti-me indesejado – esse sentimento não me permitiu reconhecer as vezes sem conta em que fez o impossível para estarmos juntos.
Só pensava que estava a dificultar o nosso reencontro. Fiquei tão furioso, que a magoei de uma forma estúpida e infantil. E mais ridículo é que tudo aconteceu por birra – a estupidez natural de um puto com a mania.
Podem imaginar a minha cara, quando a recepcionista me entregou aquele papel. Era uma mensagem curta: "Estou lá fora. Elena". Olhei incrédulo. A pobre mulher viu o desespero no meu olhar. Confirmou com a cabeça. Pedi licença e saí atrás dela.
«Entrou? Onde está?»
«Entrou e saiu logo de seguida. Parecia não saber o que fazer. Primeiro ia sair, depois voltou atrás e ficou ali sentada. Parecia triste. Depois, apenas me pediu para lhe entregar esta mensagem. E saiu.»
Ela sempre veio. Por isso me ligou tantas vezes. E eu a fazer birra. Passei titubeante pela recepção. Deve estar furiosa.

Não me lembrava de qualquer explicação para aquela situação. Saí com um olhar de susto misturado com vergonha pela porcaria que tinha feito. Porra!
«Cariño, que estás aqui a fazer? Pensei que não vinhas.» – tentei disfarçar.
«E não vinha» – quase não se ouvia.
«O quê?»
«Ainda bem que vim!» – tinha os olhos encharcados.
«Amor, não é o que parece.»
«O quê?»
«Seja lá o que tenhas visto, não é o que parece!»
«Havia alguma coisa para ver?»
«Elena, sei que não tenho desculpa» – respirou fundo, ajeitou a posição da cabeça e continuou a olhar-me fixamente, enquanto as lágrimas deslizavam pela face – «Durante meses, os meus colegas deram-me na cabeça por não sair com eles. Estava tão furioso contigo, que nem pensei. Depois»
«Espera! Não percebi! Queres dizer que sempre que discutimos»
«Não! Nunca! Olha» – como vou resolver isto?
«Estou a olhar!»
«Te quiero preciosa!»
(sorriu) «Imagina que tinhas sido tu a entrar num restaurante e eu estava agarrada a outro homem»
(desesperado) «Matava-o! Não! Levava-te para casa!»
«Tu?!» - com um sorriso irónico - «Fazias um enorme escândalo e agarravas-te à primeira que te aparecesse à frente, para provares que és macho. Ninguém te troca por outro!»

«Eu...»
Não sabia o que lhe dizer. É verdade! Não sabia! Ela tinha razão para estar furiosa. E eu não tinha qualquer razão para o que tinha feito.
No início daquela noite, convenci-me que não queria estar comigo. Agora, só quero desculpar-me. Eu amo-a; ela é a mulher da minha vida.
Estraguei tudo! Aquele olhar frio, magoado, triste... aquele olhar fazia-me sentir ainda mais culpado.
E agora?

# Elena

Que estupidez!
Eu andava, há semanas, a insistir para nos vermos e, por birra, mandei-o bugiar.
Era cada vez mais claro que algo se passava. Já não éramos os mesmos.
Sempre fiz o possível e o impossível para conseguir estar com ele. Sentia que tinha de ser assim, afinal tinha sido eu a pressioná-lo a aceitar a maldita proposta.
Tentei falar com ele por diversas vezes; não me atendeu nem devolveu a chamada. Decidi fazer-lhe uma surpresa.
Meti-me na auto-estrada e fui directa ao clube. Já tinha terminado o treino.
Dali saí para casa dele; o porteiro disse-me que tinha ido jantar com amigos, no restaurante do hotel, ali perto. Não tinha jogo, nesse fim-de-semana. Deve ter aproveitado para se divertir com os colegas.
Fui lá ter.
Entretanto, continuava a tentar falar com ele e nada.

Quando cheguei ao restaurante, vi-o com um colega. Caminhava na sua direcção, quando vi uma miúda a sentar-se ao lado, passar-lhe a mão na perna e meter-lhe a língua na boca.
Ele acompanhou-a com um monumental amasso. Recuei, como se tivesse levado um soco no estômago. Choquei com alguém, soltei a palavra "Perdón" e recebi-a de volta.
Pensei em ir-me embora, depois voltei decidida a abordá-lo.
«Não, escândalos não!»
Sentei-me junto à recepção. A recepcionista perguntou-me se precisava de ajuda. Quase sem reacção, agradeci e levantei-me.
Quero desaparecer daqui e nunca mais voltar.
«Não! Tenho de resolver isto, agora!»
Abeirei-me da recepção, pedi papel e caneta, escrevi uma mensagem curta e perguntei:
«Pode fazer-me um favor? É possível entregar esta mensagem ao Ricardo? Está naquela mesa do canto.
«Sim, com certeza.»
«Obrigada.» – e saí.
Queria confrontá-lo. Eu sabia que ficaria sem resposta, quando se sentisse entre a espada e a parede. E foi um longo silêncio que recebi em troca. A dada altura, senti um vulto a passar por mim.
«Buenas noches.»
Devolvi o cumprimento sem olhar, sem pensar e, mais uma vez, em castelhano.

«Elena, é melhor irmos para casa. Precisamos falar.» – tentava ganhar tempo.
«Sabes, vim cá para te ver, para estar contigo. Queria perceber o que se passa. Estás diferente, estou diferente; raios, estamos diferentes. Queria perceber porquê. Agora, só quero esquecer que estive aqui, quero esquecer que vi o que vi; apenas quero ir para casa.»
«Isso! Vamos para casa e falamos melhor.»
«Não! Eu vou para minha casa, esqueço que vim cá e que algum dia te conheci!»
«O quê? Nem pensar! Vais fugir do problema?» – tentava manipular-me.
«Estou a resolver um problema que criei há meses. Estava claro que não resultaria e, mesmo assim, insisti; passei meses a sentir-me culpada por estar longe de ti. Basta!»
«E eu?»
«Tu? Passas a estar disponível para as miúdas, sem peso na consciência.»
Virei costas e caminhei pelo passeio em direcção ao parque de estacionamento. Não fazia a menor ideia para onde ir. Estava a andar apenas para não ficar parada no meio da rua. Não via nem sentia nada. Estava torpe. O esticão foi de tal ordem, que rodopiei sobre mim mesma várias vezes até que caí literalmente em cima de um desconhecido.
«¿Estás bien?» – ouvi uma voz familiar colada ao meu ouvido.
«Sí… creo que sí.»

Estava desnorteada. Sentia os seus braços à minha volta, o calor do seu corpo e o perfume suave que exalava. Ali sentada no chão, sentia o abraço tão desejado. Aproveitei-o; pensando bem, abusei dele. Deixei-me ficar nos braços de um estranho; sentia-me em segurança. Que sentimento mais raro!

Ele parecia entender o turbilhão de emoções que facilmente me levaram às lágrimas. Não me lembro de alguma vez ter chorado tanto como naquela noite. Depois de muito fungar, senti a sua respiração cada vez mais próxima do meu ouvido.

«¿Sientes algún dolor?»

Isso só fazia com que chorasse mais; respirou fundo e tentou acalmar-me.

Que figura a nossa! Sentados no chão abraçados e eu num pranto daqueles... só visto!

Assim que me acalmei, procurei levantar-me sem o magoar ainda mais. Já de pé, sacudi-lhe as roupas com a mão esquerda, enquanto soltava a palavra "Perdón!" até à exaustão.

Muito sereno, agarrou-me a mão e, tocando-me o queixo ao de leve, elevou os meus olhos ao nível dos dele.

«¿Estás bien?»

(com um profundo suspiro) «¡No!.»

Desmoronei! E mais uma vez, senti-me envolvida por uma mistura de força e carinho.

Abusei! Abusei da sua atenção.

Ainda a recompôr-me de um soco no estômago e já a cair desamparada nos braços de outro homem.

Que raios teria acontecido? Sentia o meu braço direito a doer, a alça da mala estava tão apertada que mais parecia um garrote.
«¡Perdón! Ha sido un día muy duro. ¡Y ahora esto! ¡Todavía no sé qué pasó!»
«¡Intentaron robarte! Tiraron tan fuerte que te proyectaron al suelo.»
«¡Y caí sobre ti! ¡Lo siento! ¡Y gracias, muchas gracias!» – fixava a minha boca sempre que falava; tinha os olhos mais negros que alguma vez vi, a pele escura, o cabelo negro e liso, nem comprido nem curto; parecia um índio. Tentei soltar a alça da carteira.
«¡Cuidado! Puede haber causado una fractura. ¡Déjalo, lo hago yo!» – com muito cuidado desenrolou a alça da mala e soltou o braço – «Ya. ¿Siente dolor en el brazo?»
«Solo un poco de incomodidad.»
«¡Déjame verlo!» – sentiu o meu braço com a ponta dos dedos; parecia saber o que estava a fazer – «Mañana, vas a tener un moretón, pero no te ves fracturado. Aún así, te aconsejo que vayas al hospital. ¡Vamos, te llevaré allí!»
«¡Oh no! No quiero molestarte más.»
«No es molestia. Es cuidado.»
O Pablo conhecia o médico de serviço num hospital próximo.
Deixou-me na companhia do seu amigo médico e saiu para falar com o polícia de serviço; queria apresentar queixa.
Fizeram-me uma radiografia e, no final, ele tinha razão – não tinha qualquer fractura, apenas dor pelo esticão.

O médico acompanhou-me até à sala de espera.
No caminho, contou-me que tinham trabalhado juntos. Desejava voltar a trabalhar com ele – era um excelente fisioterapeuta.
Quando chegamos cá fora, dei de caras com o Ricardo à conversa com o Pablo. Como terá descoberto que estávamos ali?
Quando me aproximei, o Pablo afastou-se ao encontro do médico; era tudo o que eu não queria.
«Elena estás bem?» – parecia preocupado e ao mesmo tempo culpado.
«Que te parece?!» – fui ríspida com ele; procurei não manter grande contacto visual, demonstrava-me mais atenta à amena cavaqueira do Pablo com o médico – «Estás aqui porquê? Como é que soubeste?»
«Eu... eu vim assim que soube. Nunca me perdoaria se te magoasses!»
(ri) «Magoar? Mais do que tu magoaste?! Como é que soubeste?»
«Fui eu que lhe liguei. Não sabia que falavas português?!» – o Pablo surpreendia-me mais uma vez – «Falas muito bem português!»
«Não sabias que ela fala português? É a língua dela!»
«Alguém falou contigo?»
(surpreso com a dureza na voz) «Estás bem?»
«Estou óptima. É só dor, sem fractura. Falo português e castelhano, porque o meu pai é mexicano e a minha mãe portuguesa. Sempre falei as duas línguas e vivi muitos anos na Argentina.»
«E falas castelhano quando estás stressada?»

(sorri) «Provavelmente! E tu?»
«O meu pai é brasileiro e a minha mãe é uruguaia. Conheceram-se na Argentina e vieram viver para Portugal. Sempre falei as duas línguas, também.» – sorriu – «Desculpa, avisei o Ricardo... pensei ser o mais correcto a fazer.»
(sorri) «Não... como é que sabias?» – esboçou uma interrogação facial – «O Ricardo? Como sabias... o contacto; enfim, porquê ele?»
«Porque és minha namorada!»
«Sou? Fiquei com a impressão que ela era loira! Se calhar, foi uma ilusão de óptica. Vai-te embora! Não te quero ver mais!»
«Elena, deixa de ser teimosa! Com o braço nesse estado, nem conduzir podes.»
«Desaparece!» – a expressão devia ser dura, a ver pela cara de desespero do Ricardo e de preocupação do Pablo.
«Elena, eu conheço o Ricardo. Trabalho com ele. Sou o fisioterapeuta da equipa. Acompanho-os todos os dias. Talvez fosse boa ideia falarem sobre o que aconteceu hoje. Mesmo que mantenhas a tua ideia, convém que resolvam tudo.»
«Pablo, já está tudo resolvido. Ele fez uma escolha e eu também. Ele escolheu a loira e eu escolhi a morena.»
«Elena, onde vais ficar hospedada? A esta hora não arranjas alojamento.»
Fiquei em silêncio durante alguns segundos e perguntei:
«Pablo, importas-te que fique contigo?»
«O quê? Não o conheces de lado algum!»

«Conhecia-o ainda menos, quando tentaram assaltar-me. E foi ele que me ajudou; ele é que estava lá!»
«Elena, nem sei o que dizer!»
«Diz que não! Não faz sentido algum ela ficar contigo!»
«Bem, podes vir comigo. Vou passar o fim-de-semana na praia.»
«Está tudo louco?!»
«Aceito!»
«Ricardo, posso falar contigo? Importas-te Elena?»
«Estejam à vontade!»
«Vem comigo!»
Afastaram-se, falaram quase em segredo e voltaram a aproximar-se. O Ricardo não gostou da ideia, mas teve de aceitar.
«Elena, está tudo tratado. Vamos buscar a mala ao teu carro. Se não te importares, o Ricardo leva o teu carro para casa dele; para evitar ficar na rua e deixo-te lá no domingo à tarde. Pode ser?»
«Pensaste em tudo!» – fomos ao parque de estacionamento, tirei a mala de viagem, paguei o estacionamento e dei a chave ao Ricardo – «Cuida bem dele! Até domingo.»
Entrei no carro e deixámos para trás um Ricardo muito aborrecido.
Durante alguns minutos, o silêncio tomou conta.
Eu queria pedir-lhe desculpa por tudo e não sabia como começar. Forcei a minha presença na sua vida como se fosse dona dela. Impingi-lhe a minha companhia como se fosse obrigação dele cuidar de mim.

Nunca tinha sido tão descuidada com alguém; nunca desrespeitei uma pessoa, desta forma. Ele ajudou-me tanto e de uma forma tão desprendida que me senti à vontade para abusar – primeiro do abraço, depois da atenção e agora do espaço, da vida dele.
Mesmo assim, confesso que a presença dele me ajudou. Foi quase um lavar de alma. Senti-me mais leve, mais solta, mais capaz de levantar a cabeça e pensar em tudo o que tinha acontecido de uma forma mais fria, mais desprendida de mim mesma.
Será que sou capaz?

# Pablo

Há pouco, parecia tão frágil, indefesa…
Agora, está dura; a expressão facial rígida; quase parece ter raiva do Ricardo.
E ele continua a querer controlar algo do qual perdeu o controlo, por completo.
Senhor, que faço com estes dois?!
Durante semanas, ouvi-o a choramingar por não estar com ela. Provavelmente, ela também choramingou por não estar com ele. E agora, que estão juntos, é isto!
Apanhou-me desprevenido com o pedido para ficar em minha casa. O Ricardo está desesperado. Pedi para falar com ele em privado.
«Não me venhas com coisas! Eu não deixo que a leves contigo! Nem pensar! Não vais sozinho com ela passar um fim-de-semana na praia. Essa era a minha»
«Surpresa, eu sei! Lembras-te? Fui eu que te dei a ideia. Fazemos assim»
«Nem pensar!»

«Importas-te de calar e ouvir?! Por favor! Hoje, não consegues falar com ela. Está fula! Vão acabar por dizer algo que não querem, não sentem nem pensam. Por isso, ouve-me! Ok?»
«Diz!» - contrariado… muito!
«Ela vai comigo hoje, procuro falar com ela na viagem; tento limpar um pouco a tua imagem. Amanhã, apareces de surpresa e falas com ela, quando os dois estiverem mais calmos. Faz sentido?»
«Não sei Pablo!» - olhou para a Elena - «Ok.»
Aquele ok denunciava o contrário. Ele não queria que ela fosse comigo. Entendo! É uma mulher muito bonita. A verdade é que não estou interessado em levar com as confusões dos outros. Ela ama-o! Caso contrário, não ficava assim.
Foi a viagem de regresso ao estacionamento a puxar conversa comigo. Queria fazê-lo sofrer. Todavia, já com a mala dela no carro e depois de deixar o Ricardo para trás, o silêncio reinou.
Senti-a inquieta, desconfortável; estava em conflito com ela mesma.
Será que mudou de ideias? Pode ter-se arrependido e não sabe como me dizer que quer voltar para trás.
«Tens a certeza?»
(estremeceu de susto) «O quê?»
«Assustei-te? Desculpa.»
«Sim, estava a pensar»
«No Ricardo?»
«Não!»
«Então?»

«Olha, nem sei como te dizer!»
«Experimenta a boca. É capaz de resultar!»
(risos) «Vejo que és especialista a quebrar o gelo!»
«Não. Apenas tento não complicar a vida!»
«Bem visto! Pablo, desculpa. Provavelmente, é a centésima vez que o faço, desde que nos conhecemos.»
«Sim, a primeira vez foi no restaurante, quando recuaste depois de ver o Ricardo com a loira.»
«Foi?»
«Foi. Tu não me viste. Deste-me um cotovelada no estômago e, sem olhar, soltaste um "Perdón". Por isso pensei que não falavas português.»
«Humm!» – ficou em silêncio – «Nós já não estávamos bem há algum tempo.» – mais um silêncio – «Nunca pensei encontrá-lo com outra mulher.» - subiu as sobrancelhas - «Mais uma gota num imenso oceano de desencontros constantes.»
«Tens a certeza que não queres voltar atrás para conversar com o Ricardo?»
«Seria pior se ficasse com ele. Acabaria por dizer coisas que não sinto; posso até pensar; mas não sinto. Seria um fim-de-semana horrível para mim e para ele.»
Pausou por dois segundos… parecia ter algo para dizer.
«Elena, tranquila! Tudo se resolve. Agora, aproveita para descansar um pouco e logo se vê como dar a volta a esta confusão!»
«Não! Sim, quer dizer… Pablo, desculpa por impôr a minha presença, a minha companhia. Não és obrigado a isto. Mal me conheces. Desculpa.»
«Exatamente por isso é que te trouxe!»

«O quê?»
«Então, depois de me atrasares a saída, seres a minha companhia durante a viagem é o mínimo que podes fazer.» – ri – «Agora a sério, é um prazer ter-te como co-piloto. Digamos que és uma óptima companhia.»
(risos) «Óptima! Comecei por te dar uma cotovelada no estômago, caí-te em cima, ranhosei-te o casaco todo, tive uma consulta à borla com o melhor fisioterapeuta da actualidade e ainda te carreguei para o hospital… sim, óptima companhia!» – rimos às gargalhadas.
«Posso fazer uma pergunta?»
«Acabaste de fazer.»
«Não é bem essa a pergunta que quero fazer, espertinha!» - sorriu - «Tu queres mesmo terminar o relacionamento com o Ricardo?»
«Não tem a ver com querer. Pablo, parece-te possível manter esta relação, depois do que vi? Parece-te saudável aceitá-lo de novo na minha vida, depois de ter visto aquele… amasso?»
Quis responder de imediato às dúvidas dela, mas escolhi dar-lhe tempo para concluir o pensamento que estava subjacente às dúvidas.
«Como poderia aceitar uma traição? Que motivo poderia ter para aceitar que me traísse? Nunca mais me valorizava como mulher. Ficaria a pensar que tudo era aceitável. Não posso fazer isso!»
«Compreendo!» - inspirei fundo «Se acreditas que não tens valor como mulher por aceitar um erro do homem que dizes amar, então faz sentido terminar a relação!»

«Digo amar?! Desculpa!? Eu não digo amar! Eu amo o Ricardo!»
«Elena, fecha os olhos, por alguns segundos, e agarra-te a esse amor que sentes pelo Ricardo.»
«O quê? Para quê?»
«Pode não fazer grande sentido o que peço, mas faz-me esse favor. A explicação vem com a experiência. Experimenta! Por favor!»
«Ok.»
Fechou os olhos. Ouvi-a a forçar uma inspiração mais profunda; penso que tentou relaxar um pouco, antes de fazer o que lhe pedi.
Passado alguns minutos, já não tentava controlar a respiração – tinha relaxado na força que colocava na inspiração e na expiração.
«Agora, agarra-te a esse amor pelo Ricardo. Sente o coração a acelerar, quando pensas nele. Sente o calor que se concentra no centro do teu peito, quando ouves a palavra Ricardo. Sente o sorriso a abrir-se no teu rosto, enquanto retornas à alegria de ouvir a voz dele, de o ver a matutar em alguma coisa, de apenas sentires o toque dele.»
Ela mantinha-se focada na minha voz. O sorriso iluminou-lhe o rosto; a respiração quase não se sentia; o coração palpitava – dava para ver claramente.
«Elena, imagina que o Ricardo desaparece de vez.»
«Não!» - abriu os olhos, endureceu o rosto e a ventilou com convicção - «Isso não!»
«Pensaste que ele morreu, não foi?»

«Sim…»
«Elena, esse sentimento, que te percorre o corpo todo, é perda. A perda que nos massacra a alma, quando a vida chega ao fim. O Ricardo ainda está vivo. Por isso, nada é definitivo.»
«Sim… Eu… não sei!»
«Elena, não quero influenciar a tua decisão, nem mesmo quero convencer-te de alguma coisa. Sou amigo do Ricardo e acredito no amor que ele tem por ti. A verdade é que não sou eu que vivo esse amor com ele. És tu! Portanto, só tu podes decidir o que fazer. O que devo dizer é que só a morte é definitiva. Só a morte não tem solução. Tudo o resto é relativo. Quando vives um amor e, no auge desse amor, o perdes para a morte, tomas consciência que todas as confusões, todos os conflitos, todos os medos, todas as crenças, todas as certezas que tinhas, esvaiem-se. Perante algo tão definitivo, como o desaparecimento daquele Ser maravilhoso, que tanto amas e vais continuar a amar, todas essas certezas deixam de fazer qualquer sentido, pois deixas de ter a possibilidade de experienciar a vida com esse Amor. Por isso pergunto, se o Ricardo morresse, que importância teria a traição para ti? Achas que o amor termina, porque acontece algo na relação que não esperas e que te magoa?»
Observei-a em silêncio. Ela passou do horror ao susto, da dor à tristeza e terminou a sentir-se derrotada e cansada. O dia tinha sido longo. A noite assoberbante.
Dei-lhe tempo para retomar a conversa. Levada pela ansiedade crescente, demorou pouco a fazê-lo.

«Por que motivo me fez isto? Por que razão me deixou nesta posição?»
«Posso responder com uma pergunta?»
«Acabaste de o fazer!»
«Com outra pergunta!»
«Humhum» - aceitou com um aceno de cabeça e um som.
«Tu amas o Ricardo. Tu disseste-o claramente!»
«Sim.»
«Então, por que razão é tão fácil para ti aceitar que ele te traiu?»
«Eu vi!»
«O quê?»
«A loira… o Ricardo com ela...»
«Viste uma loira a sentar-se ao lado dele e a dar-lhe um beijo, certo?»
«Ele estava lá! Contribuiu! Ela não o forçou a nada!»
«Tens a certeza?»
«Pablo, eu vi! Ninguém me contou, caramba!»
«Elena, não me compreendas mal. Eu estava lá. Vi o mesmo acontecimento, se bem que parece-me que não vi o mesmo que tu.»
«Vocês homens! É sempre a mesma coisa! Estão sempre a proteger-se uns aos outros.»
Dei uma gargalhada.
«Tem piada?!»
«A tua mudança de atitude tem!» - ela parecia em conflito por dentro - «O que é que aconteceu para veres o Ricardo a dar-lhe um amasso, como disseste, quando ele apenas lhe tocou para a afastar?»

«O quê? Ele não a afastou!»
«Afastou e tu viste!»
«Não vi nada!»
«Compreendo que o que viste te magoou. No entanto, sentiste-te traída, por que o teu sentido de protecção e sobrevivência te apontou a saída mais fácil; ou a que parece mais fácil. Ao terminar a relação libertas-te dos medos e inseguranças, que tanto tu como ele sentem por viver uma relação à distância. A traição é um véu ilusório que te dá uma sensação vazia de segurança. É mais fácil para ti desistir do que conversar com ele e iluminar o que vos tem afastado, nos últimos meses.»
«Não! Isso é mentira! Esta distância… só estamos longe um do outro, porque ele quer. Não sabia porquê, mas agora ficou claro. Assim, pode estar com quem quiser.»
«Estão longe porque assim escolheram.»
«Não! Estamos distantes, porque ele nunca me convidou para vir com ele. Nunca disse nada! Agora, sei porquê!!!»
«Ele não te convidou? E tu? Alguma vez lhe disseste que querias vir com ele?»
«O quê?»
«Elena, a tua vida é na tua cidade. Trabalho, família, amigos; tudo na tua vida está localizado a centenas de quilómetros daqui. Tu conheces o Ricardo. Parece-te possível que ele te pedisse que deixasses tudo para trás, sem que tu lhe dissesses que estavas disposta a abrir mão da tua vida, de uma forma tão radical?»
Parei o carro, desliguei-o e esperei a resposta dela.

«Agora, estás a tentar encontrar uma desculpa para me sentir bem, mesmo que decida aceitá-lo de volta. Agradeço, mas não preciso»
«Elena, o teu valor como mulher não é prejudicado por acreditares no Amor. Não estou a tentar minimizar o teu desconforto em aceitar uma traição. Estou apenas a pedir-te para ouvires o Ricardo. Dá-lhe oportunidade de explicar o que aconteceu e, especialmente, o que motivou a atitude dele. Todavia, seja lá qual for a tua decisão, nunca questiones o teu valor como mulher por acreditares no Amor, em vez de assentares as tuas decisões no medo e na desconfiança. Desistir é mais fácil do que persistir!»
Mais uma vez, ela inspirou profundamente e olhou pela janela. Dei-lhe algum tempo para assentar ideias. Assim que a senti mais em paz, disse-lhe que tínhamos chegado.
O cansaço pesava o corpo, por isso mostrei-lhe a casa, indiquei o quarto em que iria dormir e mostrei onde podia comer qualquer coisa. Não tínhamos fome, apenas sono.
«Acordo bem cedo, por isso não devo estar em casa, quando acordares. Usa-a como tua. Se quiseres ir à praia, basta descer a rua.»
«Obrigada Pablo. Obrigada pela paciência, pelo apoio, pela conversa, por tudo.»
«É um prazer! Elena, aproveita para descansar e amanhã logo se vê o que faz sentido para ti. Dorme bem. Até amanhã!
«Tu também. Até amanhã!

Ela parecia mais capaz de ouvir o Ricardo.
Não sei se o aceitaria de volta, todavia seria mais fácil, para ela, aceitar ouvi-lo.
Se bem o conheço, amanhã está cá de madrugada.
Deve estar às voltas na cama a tentar encontrar uma desculpa que a convença a aceitá-lo de volta.
Quero falar com ele antes de se encontrarem.
Só a verdade vai ajudá-lo a recuperar a confiança dela; especialmente se vier acompanhado da intenção de viver com ela.
Fiquei com a impressão, que esta confusão ganhou força por causa da inexistência de solução para a distância física.
Seria excelente que as pessoas percebessem que a vida é curta demais para desperdiçá-la com medos, inseguranças e tentativas frustradas de evitar o sofrimento alheio.
A vida só nos pede para sermos felizes.
E para isso basta acreditar no que está vivo dentro de nós.
A noite foi curta e de sono reparador.
Acordei com as ondas do mar a chamar por mim. Quando saí de casa, de prancha na mão, lá estava ele, à minha espera, sentado no carro, de olhar perdido no horizonte e os ouvidos ocupados com a música dos próprios pensamentos.
«Ricardo! Madrugaste!»
«Sabia que sais bem cedo para o mar. Como estás? A Elena?»

«A dormir!? Ainda não a vi. Será que o mar quer alguma coisa connosco, hoje?»
«Bora lá! Preciso de refrescar as ideias. Quero falar com ela e não sei o que dizer. Passei a noite toda a pensar no que lhe dizer e não sei»
«Diz-lhe a verdade!»
«A verdade?»
«Sim. Ela viu a loira a beijar-te. Assume o beijo. Fala-lhe do que levou a esse beijo, como te sentiste nessa situação particular; fala a verdade, amigo. Não vale a pena mentir. Ela está magoada, todavia pareceu-me mais disposta a ouvir-te. Falamos sobre o que aconteceu, durante a viagem. Uma coisa ficou clara para mim.»
«O quê?»
«Aquela mulher ama-te, Ricardo! De verdade! Sem tretas! E ver-te a beijar outra mulher, magoou-a. Penso que te magoou a ti, também. Por isso, começa por aí, pela mágoa, que ela sentiu e que tu sentiste por deixar acontecer algo que a magoe e vos afaste ainda mais.» - pisquei o olho esquerdo.
«Achas mesmo? Ela estava diferente, ontem. Nunca foi tão sarcástica e dura comigo, como ontem. Assustou-me!»
«Eu sei, amigo. A verdade é que ela estava magoada e quis ver-te a sofrer. Percebeu que sentiste ciúmes por estar tão à vontade comigo. Usou isso! Cenas à mulher! Mesmo assim, sê sincero com ela e mostra o quanto a amas e queres tê-la perto de ti.»

«Perto?! Isso é o que mais quero! Tê-la comigo.» - respirou fundo e olhou na direcção do céu - «Tê-la aqui comigo foi sempre o meu maior desejo,,, eu não posso… eu não posso pedir-lhe que abandone a vida dela, a cidade dela, a família dela, os amigos… tudo, o que eu sei, que sempre fez sentido para ela. Pedir-lhe para desistir de tudo só porque eu decidi vir atrás dos meus sonhos. Não posso!»
«Ricardo, eu percebo o que estás a dizer. E acredita que entendo que não queiras pô-la nessa situação. Mesmo assim, já te perguntaste se isso é o que ela quer? Já te perguntaste se o que ela quer é ficar na cidade dela, perto da família dela, perto dos amigos dela e longe de ti? Ou se, pelo contrário, ela prefere estar perto de ti, fazer a vida dela contigo aqui e, de vez em quando, visitar os amigos, a família, a cidade? Já te perguntaste se algo mudou no que sempre fez sentido na vida dela? Já lhe perguntaste a ela?»
«Não! Eu não posso pô-la nessa situação. Eu não posso pedir-lhe para escolher entre mim e a família dela e a vida dela!»
«Já lhe perguntaste se ela se sente numa situação em que tenha de escolher entre ti e alguém, só porque queres que viva contigo aqui?»
«Não sei Pablo! Eu»
«Ricardo, não estou a dizer para exigires que venha para cá. Eu sei que tens uma forma de falar mais autoritária, directa, do género "é isto que eu quero, por isso vai ser assim". Com ela não podes falar assim! Pelo contrário, deves dar-lhe liberdade para escolher o que quer fazer.»

«Vai escolher terminar a relação, é o que é!»
«Mano, tu não a convidaste para vir. Meses depois, continuam na mesma situação. Penso que está na hora de lhe dares a escolher. Podes perguntar-lhe o que pensa da possibilidade de arranjarem uma casa e fazerem a vossa vida, aqui, em conjunto. Podes até pôr a possibilidade de tu voltares para lá. Seja o que for que decidam, ela precisa de alternativas para se sentir mais próxima de ti; para estar mais próxima de ti.»
«Ela não quer vir para cá. Se quisesse, já o teria dito.»
«Talvez não! Tantas vezes te ouvi dizer que fez o impossível para estar contigo todos os fins-de-semana. E, de um momento para o outro, isso mudou.»
«Foi o que aconteceu! Não sei porquê!»
«Já pensaste que pode ter acontecido por sentir que não queres que ela venha para cá? Que queres estar distante dela para, quem sabe, beijar loiras nos fins-de-semana em que ela não vem»
«Isso não é verdade! Sabes que este foi o primeiro fim-de-semana que saí com eles!»
«Eu sei. E ela? Sabe? O que pensarias, se os papéis estivessem invertidos?»
«Sei lá! Não faço ideia o que fazer!»
«Diz-me uma coisa» - pausei para recuperar a atenção dele, perdida na imensidão de um mar azul esverdeado - «Como seria a tua vida, caso a Elena desaparecesse por completo?»
«O quê? Não! Isso não! Pelo amor de Deus! Eu não conseguiria viver sem ela!»
(ri) «Tu tens vivido sem ela!»

«O quê?»
«Tu tens vivido sem a Elena!» - curvou-se para a frente; parecia derrotado - «Há quantas semanas vocês não se viam? Há quanto tempo não falavam? Tu tens vivido sem ela. E desde que tens vivido sem ela, os jogos não te correm tão bem, tens tido mais lesões e, como cereja no topo de um bolo muito amargo, deixaste-te enredar pela conversa dos teus colegas.»
«Oh!»
«Ricardo, não me entendas mal, essa conversa é válida. Eles são solteiros, por isso é mais do que normal que saiam e metam conversa com miúdas. Eles são livres de o fazer, dentro das regras do clube. No entanto, tu não és solteiro. E até sentires que ela se afastou, tu conseguiste contornar as provocações e manipulações dos teus colegas. Ontem, deixaste que te levassem na conversa. E, depois, esta confusão toda...»
«Pensei que a tinha perdido!»
«Não perdeste! Ainda não! Por isso, acorda. Não vale a pena continuar a insistir no mesmo erro, vezes sem conta, à espera que as coisas mudem.» - sentiu o vento que transportava o mal salgado nas suas asas e suspirou - «Se a amas»
«Amo! Claro que amo!»
«Então, agarra-te a esse amor e, com coragem, diz-lhe o que gostarias de viver com ela, aqui. Quando recebeste a proposta, ela deu-te a possibilidade de escolheres o teu sonho. Dá-lhe tu, agora, a oportunidade de escolher viver o vosso amor ao teu lado, à distância de um toque!»

«Ela não quer! Depois de ontem, ela nem quer ouvir a minha voz, quanto mais viver aqui!»
«Seja qual for a decisão dela, ela merece ter alternativas ao que tem, neste momento, não te parece?» - aceitou com um aceno - «E tu mereces dizer o que sentes e o que desejas que aconteça. Acredita em ti! Pode não parecer, mas ela acredita em ti, de olhos fechados!»
«Achas?»
«Não, não acho nada! Não perdi nada, para agora achar seja o que for!» - ri.
«Lá estás tu com as tuas cenas! A sério?!»
«Ricardo, a vida é curta demais para perdermos tempo com o medo! Sê sincero!»
«Lá terá que ser, não é!?»
«Não tem que ser! Só é se tu escolheres que seja! Entendido?»
«Entendido!»
Olhou para o mar e perdeu-se naquela imensidão poderosa. Espero que consiga falar com o coração, em vez de deixar que a mente lhe continue a mentir.
Como é possível duas pessoas, que se amam tanto, terem tanto medo de viver o sonho que ambos carregam no coração?
Desafiei-o a cair na água.
Ficamos os dois a olhar para ele… impõe respeito!
Aquele monstro, sereno à superfície e turbulento na profundez, libertou memórias do primeiro dia em que peguei numa prancha de surf.
Quando a perdi, perdi-me a mim também!
E foi aos ombros desta maravilha que me encontrei.

Quem diria que estar na companhia das ondas do mar faria tanta diferença na forma como recupero das ondas da vida.
O mar estava calmo. Fiquei algum tempo apenas, sentado na prancha, a sentir a ondulação do mar e à espera da minha onda.
Algum tempo depois, apercebi-me da chegada da Elena. Parou a olhar o mar, próximo das escadas, onde conversei com o Ricardo.
Eu estava longe, mas consegui ver a surpresa na cara dela, quando viu o Ricardo a surfar. Mesmo com todas as confusões da noite anterior, a surpresa concretizou-se.
A onda foi bondosa com ele.
Deu-lhe tudo o que precisou para a impressionar.
Ele nem se deu conta. Voltou para junto de mim, todo contente com a onda que tinha escolhido. Estava eufórico com aquele deslizar ondulante, imprevisível e que nos anima a alma, sempre que confiámos nela e nos deixámos levar.
«Ei esta onda foi o máximo. Tão fixe!»
«Tu não sabes o quanto!» - movimentei a cabeça no sentido da Elena - «Parece-me que deves voltar para terra.» - riu.
«Vou vou!!! Nem pensar! Vou apanhar mais umas ondas!»
«Imagina quem te viu a galgar aquela onda!»
«Elena? Ela está aí!?»
«Próximo do spot em que estivemos a conversar. Junto às escadas.» - procurou por ela, com o olhar.

«Pareceu-te mais aberta a ouvir-me?»
«Pareceu surpreendida e orgulhosa, quando te viu surfar. Aproveita a onda positiva e fala com ela.»
«Achas?» - olhei para ele com cara de gozo - «Parece-te boa ideia, mesmo?»
«Parece-me uma excelente oportunidade para se entenderem. Coragem!»
Estava com receio de ser rejeitado, de novo. Nem aproveitou a onda que se desenrolou por baixo dele, tal era o nervosismo. Deixou que o transportasse até à areia. Abeirou-se dela; ela viu-o aproximar-se e respirou fundo.
«Elena...»
«Não sabia que surfavas!»
(sorriu) «E não surfava.» - passou a mão pela barba - «Há dois ou três meses, comecei a vir para cá com o Pablo nos fins-de-semana em que não tinha jogo.»
«Os fins-de-semana em que não vinha cá?!» - engoliu em seco.
«Sim. O Pablo ensinou-me a surfar e ajudou-me a lidar com os sentimentos.»
«Como assim?»
«Não sei se por me permitir ser levado por toneladas de água... sei lá! Surfar ajudou-me a ver a nossa distância com outros olhos. Enfim»
«E este fim-de-semana não vieste porquê?»
«Queres mesmo falar sobre isso?»
«Sim. Claro.»
«Eu queria trazer-te aqui para me veres a surfar. Quem sabe, experimentavas, também.»

«Ui!»
«Com todo o cuidado! Sei que tens medo.» - sorri - «Eu queria surpreender-te com um fim-de-semana diferente. Vamos entrar numa fase apertada de jogos, por isso queria aproveitar este fim-de-semana, em que estou mais liberto, para te fazer uma surpresa.» - suspirou - «Quando me disseste que não havia qualquer possibilidade de vires cá, eu… fiquei… sei lá! Sei que não foi essa a tua intenção, mas senti-me rejeitado. Fiquei sem chão; furioso!»
«Desculpa!» - parecia envergonhada pelas palavras dele.
«Cheguei a pensar vir sozinho, mas tu não estavas aqui, Sempre que pensava em vir, ficava furioso. Foi num desses momentos de fúria que os meus colegas me apanharam e convenceram a ir com eles para a noite. E… hããããã» - respirou profundamente - «Algo me dizia para não ir. Aquele sentimento de revolta gritava "vai".» - ela mantinha toda a atenção na expressão facial do Ricardo - «Agora, falando do que aconteceu ontem, aquela miúda loira; já não era a primeira vez que me diziam que ela lhes pedia para me levarem com eles, porque me achava muito giro e bla bla bla bla… essas cenas! Eu sempre disse que tinha namorada e que não tinha interesse noutra mulher. Cheguei mesmo a dizer que nunca gostei de loiras, que não fazem o meu género.» - ela sorriu - «Como eu disse que ia, ela apareceu e ficou, durante o tempo quase todo, a dar em cima de mim.»
«Hum»

«Elena, não estou a tentar empurrar para ela a responsabilidade do que aconteceu, estou apenas a relatar o que aconteceu.»
«Ok. Por favor, continua o teu relato, então!»
«Enfim, eu comecei a ficar incomodado com a insistência dela. Por isso, disse-lhe que tinha namorada e que não estava interessado nela. Ela saiu da mesa toda chateada. E até me deixou em paz, durante uma hora ou algo assim. Depois, o colega, que estava sentado ao meu lado, levantou-se para ir ao wc e ela aproveitou a abertura, sentou-se ao meu lado e… fez o que tu viste. Beijou-me e eu… primeiro, fiquei sem reacção e, depois, empurrei-a. Ela tentou agarrar-se a mim e eu disse que não estava interessado, para ela procurar quem estivesse. Ela saiu a correr, furiosa! O meu colega voltou, sentou-se ao meu lado, eles gozaram comigo durante uns minutos… depois, veio a recepcionista entregar a tua mensagem.» - revirou os olhos - «Aí percebi o porquê daquela vozinha, que me dizia para não sair com eles.»
«Acredito!»
«Elena, eu nunca quis viver aqui sozinho. Muito menos para estar disponível para as miúdas. Se essa fosse a minha intenção, teria terminado a nossa relação antes de me mudar. Aliás, quando insististe comigo para aceitar a proposta, pensei que tu tinhas outro e, por isso, não querias que estivesse por perto.»
«Isso não faz sentido algum. Eu nunca tive outro!»
«Eu sei! Isso era o meu medo a falar. O medo de te perder.»

«Medo de me perder?»
«Sim» - sorri - «Inseguranças! O que mais queria e quis, durante este tempo todo, é que tu me dissesses que a distância tinha acabado, porque vinhas para junto de mim. Elena, quando te falei na proposta, o que mais queria ouvir-te dizer era que vinhas comigo e que nunca teríamos de viver longe um do outro. E depois chegou a hora de vir embora e tu nunca disseste nada… enfim, a vida levou a melhor e aqui estamos nós… nesta confusão.»
«Ricardo, eu»
«Elena, continua a ser!»
«O quê?»
«O meu desejo continua a ser estar perto de ti, todos os dias. Ontem, pensei que era o fim. Hoje, agradeço pelo que aconteceu ontem, porque com tudo o que aconteceu acabei por perceber que, mais do que nunca, o que eu quero é estar perto de ti, estar contigo; seja aqui ou noutro lado qualquer! Não interessa onde estamos, o que interessa é que estamos juntos!»
Ela soltou uma gargalhada! Ele não entendeu. Aquela gargalhada libertou-a de uma ansiedade, que a aprisionava à noite anterior.
«Desculpa! Não estou a rir por causa do que disseste. Estou a rir desta situação toda.» - acalmou o riso - «Quando me contaste sobre a proposta, eu pensei que, mais dia menos dia, tu me convidarias para vir contigo. E tu nunca o fizeste!»
«Elena, sei o quão importante é para ti teres por perto família, amigos e viver na cidade que adoras!»

Aquela conversa parecia aproximá-los.
«Não podia pedir-te para desistires da tua vida para eu viver o meu sonho. Se tu tivesses dito alguma coisa nesse sentido, eu teria dito logo que sim, que queria que viesses comigo. Agora, eu levantar essa hipótese não seria justo.»
«Eu não quis impor a minha presença na tua vida. Como não disseste nada, eu pensei que preferias vir sozinho e, com tempo, falarias nessa possibilidade. O tempo passou e eu fiquei sem saber,,, o que sentir, o que pensar, o que fazer, o que dizer… senti-me perdida, completamente perdida.»
Olharam um para o outro e ele largou uma gargalhada. Ela observou-o e acompanhou-o no riso.
«Agora percebes a piada que tudo isto tem!»
«Sim! Sim, estamos nesta embrulhada, porque nenhum conseguiu dizer exactamente o que queria. E sempre pedimos um ao outro para sermos sinceros, acontecesse o que acontecesse. Não fomos capazes de o fazer.» - dá um passo em frente - «Desculpa por não te ter convidado a vir comigo e obrigado por não teres forçado. Nunca sentiria como se estivesses a forçar, mas compreendo que pensasses que eu poderia pensar isso.» - ela dá um passo em frente.
«Sim. Desculpa por nunca ter pedido para vir e obrigada por não me teres pedido para escolher entre ti e a minha vida. Não é que eu pensasse que me estavas a pedir para escolher entre ti e algo mais, mas compreendo que pensasses que eu poderia pensar isso.» - sorriram.

«Perdoas-me pelo que aconteceu ontem?»
«Mmmm, perdoar-te por seres assediado por uma loira maluca?» - ri.
«Mmm, hãããã, sim!» - ri.
«Não! Aconselho-te a apresentar queixa na polícia!»
«Se calhar, tens razão!» - riem - «Fogo, as mulheres andam muito agressivas! Bem, desde que nos conhecemos que não saio assim; não me tinha apercebido que as mulheres estavam tão agressivas… sexualmente, falando!»
«Há de todo o tipo. Tal como os homens. Há aqueles que são de tal forma agressivos, que quase roçam o assédio. Tal como há mulheres que são tão agressivas, que quase roçam o assédio. E há aqueles que não, tal como as mulheres.»
Sem se aperceberem, aqueles dois estavam cada vez mais próximos. Quase parecia que estavam a segredar e, por isso, tinham que se aproximar, para ninguém os ouvir.
A expressão corporal deles demonstrava que estavam a entender-se. Pareciam estar a descomplicar aquilo que tinham complicado. E estava cada vez mais claro que, tudo o que tinha acontecido, tinha sido um mal-entendido, motivado pelo medo que tinham de se perder. Era claro que se amavam desesperadamente!
E agora?
Desejosos de se abraçar, de se beijar e estão ali imóveis, colados um ao outro, a olhar...
O que é que se passa com aqueles dois?

Ai Senhor, perdoe-lhes, que eles não sabem o que fazem!!!
Ou melhor, não lhes perdoe, empurre-os. Eles precisam de um empurrão… só um leve empurrão para se decidirem…
Ri ao som dos meus próprios pensamentos; que estava eu a pensar…
Finalmente, chegou a onda que tanto esperava.
Deslizar em cima daquela força trouxe-me à mente a imagem dela.
Quando a perdi, foi esta liberdade do deslizar ondulante…
É de uma força poderosa, que nos transporta e, ao mesmo tempo, de uma subtileza refrescante, que nos sustenta.
Foi esta liberdade que me ajudou a aceitar o que tinha acontecido e a agradecer por a ter tido nos meus braços.
Deixei-me flutuar até à areia.
A pegar na prancha, para ir ter com eles, apercebi-me de alguém a desequilibrar-se e a embater contra a Elena, jogando-a directa aos braços do seu Amor.
Obrigado Senhor!!!

*Sinto-me grata por todos que cruzam o meu caminho diariamente.*
*A escrita é a minha forma de tocar o vosso coração, pois vocês inspiram as mensagens que partilho.*

Elena e Ricardo tudo fazem pelo sonho dele em jogar voleibol numa equipa da primeira divisão.

Para isso, escolhem viver separados por centenas de quilómetros, mesmo estando completamente apaixonados um pelo outro.

A distância desperta inseguranças e medos; sentem-se a afastar – quase parece que já não são os mesmos. E isso assusta-os!

Tudo se desmorona quando um acto impensado coexiste com uma visita inesperada.

Elena e Ricardo encontram em Pablo a sensatez e a serenidade para recuperarem a Felicidade que sempre os uniu.

Por vezes, a vida destrói para inspirar o Amor, a Coragem e a Fé na União de dois Seres.